

EDUCAÇÃO

V.12 • N.2 • Publicação Contínua - 2024

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2024v12n2p205-217



RELATO DA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO ENTRE ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR NUM PROGRAMA DE PREVENÇÃO CONTRA IST: O *WORKSHOP*

REPORT OF THE INTEGRATION EXPERIENCE
BETWEEN HIGH SCHOOL STUDENTS IN A STI PREVENTION
PROGRAM: THE *WORKSHOP*

INFORME SOBRE LA EXPERIENCIA DE INTEGRACIÓN ENTRE
ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN UN PROGRAMA DE
PREVENCIÓN DE ITS: EL TALLER

Cristina Maria Miranda Bello¹
Arailton Francisco de Oliveira Neto²
Lubiana Aparecida Sousa Almeida³

RESUMO

Objetivo: verificar a validade e a capacidade do trabalho em equipe entre alunos do ensino superior em um projeto de integração. **Métodos:** Estudo com delineamento transversal avaliando o trabalho em equipe através de um questionário contendo 24 questões aplicadas em dois momentos diferentes, sendo antes e após o *Workshop*. Foi utilizada a escala do tipo Likert para mensuração e o questionário referente ao trabalho em equipe foi o mesmo usado por Pinho (2006). **Resultados:** Sobre os conhecimentos adquiridos no processo de comunicação, em média 86,18% dos alunos concordou que havia reuniões periódicas para discussões. A presença de intercâmbio de informações obteve maior índice de concordância antes (95,92%) do que após (90,38%) o *Workshop*. A afirmativa “há um ambiente de tensão e desconfiança quando surge um conflito” foi aquela que obteve o maior índice de concordância. As afirmativas sobre sobreposição de tarefas e sobrecarga de trabalho para alguns alunos obtiveram resultados próximos tanto no pré quanto no pós *Workshop*. A afirmativa “os papéis da equipe são claramente definidos” obteve um importante índice de aceitação após o trabalho. Após o trabalho, 75% dos alunos tinham a convicção de que em caso de erro de procedimento todos os membros da equipe seriam responsabilizados. **Conclusão:** O *Workshop* estimula os alunos a trabalharem em conjunto, exercitarem suas habilidades e desperta noções de responsabilidade e compromisso. Os alunos do ensino médio convidados beneficiam-se ao ter a oportunidade de adquirir conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e sua prevenção.

PALAVRAS-CHAVE

Equipe. Workshop. Integração. Trabalho. Responsabilidade.

ABSTRACT

Objective: verify the validity and capacity of teamwork among higher education students in an integration project. **Methods:** Cross-sectional study evaluating teamwork through a questionnaire containing 24 questions applied in two different moments, before and after the *Workshop*. The Likert-type scale was used for measurement and the questionnaire related to teamwork was the same as that used by Pinho (2006). **Results:** On the knowledge acquired in the communication process, an average of 86.18% of the students agreed that there were meetings for discussion. The presence of information exchange obtained a higher index of agreement before (95.92%) than after (90.38%) the *Workshop*. The affirmation “there is an environment of tension and distrust when a conflict arises” was the one that obtained the highest index of agreement. The assertions about overlapping tasks and work overload for some students obtained close results both in the pre and post *Workshop*. The affirmative “the roles of the team are clearly defined” obtained an important index of acceptance after the work. After work, 75% of the students were convinced that in case of procedural error all team members would be held accountable. **Conclusion:** The *Workshop* encourages students to work together, exercise their skills and notions of responsibility and commitment. The high school students invited benefit from having the opportunity to gain knowledge about STI (sexually transmitted infection) and its prevention.

KEYWORDS

Team, workshop, integration, work, responsibility.

RESUMEN

Objetivo: verificar la vigencia y la capacidad de trabajo en equipo de estudiantes de educación superior en un proyecto de integración. **Método:** Estudio transversal de evaluación del trabajo en equipo por medio de un cuestionario de 24 preguntas aplicado en dos momentos distintos, antes y después del Taller. Se utilizó una escala tipo Likert para las mediciones y el cuestionario relativo al trabajo en equipo fue el mismo que el utilizado por Pinho (2006). **Resultados:** Con respecto a los conociemien-

tos adquiridos en el proceso de comunicación, una media del 86,18% de los estudiantes estuvieron de acuerdo en que había reuniones periódicas para las discusiones. La presencia de intercambio de información tuvo un mayor índice de acuerdo antes (95,92%) que después (90,38%) del Taller. La afirmación “existe un ambiente de tensión y desconfianza cuando surge un conflicto” fue la que obtuvo el mayor índice de acuerdo. Las afirmaciones sobre la superposición de tareas y la sobrecarga de trabajo para algunos estudiantes obtuvieron resultados cercanos antes y después del Taller. La afirmación “las funciones del equipo están perfectamente definidas” tuvo un alto índice de aceptación. Después del Taller, el 75% de los alumnos estaban convencidos de que, en caso de error de procedimiento, todos los miembros del equipo serían responsables. **Conclusión:** El Taller motiva a los alumnos a trabajar juntos, ejercitar sus habilidades y despertar nociones de responsabilidad y compromiso. Los estudiantes de secundaria invitados se beneficiaron de la oportunidad de aprender sobre las ITS (Infecciones de Transmisión Sexual) y su prevención.

PALABRAS CLAVE

Equipo, Taller, integración, trabajo, responsabilidad.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Cosenza e Guerra (2011) o cérebro não tem necessidade nem capacidade de processar todas as informações que chegam a ele, dedicando-se às informações importantes e considerado como significativa e, conseqüentemente, alvo da atenção, aquilo que seja estimulante, agradável e faça sentido no contexto em que vive o indivíduo. Consideram, também, que existem diferentes tipos de memória sendo necessárias, portanto, diferentes estratégias de aprendizagem que levem em conta as distintas formas de o cérebro aprender. Conceituam ainda, a inteligência como a habilidade de se adaptar ao ambiente e aprender com a experiência.

Observa-se que os indivíduos variam amplamente nesses atributos, diferindo em suas habilidades e apresentando áreas de maior vigor ou de fraqueza. O verdadeiro educador deve ter como objetivo criar condições para que o aluno se desenvolva em termos de planejamento, desempenho, compreensão e expressão formando capacidades de autorregulação, de identificar limites e oportunidades. Deve usar diferentes canais de acesso ao cérebro, além do verbal, a fim de atingir os diferentes tipos de inteligência e otimizando o processo de aprendizagem (Cosenza; Guerra, 2011).

Sabe-se que a intervenção escolar afeta a inteligência, não só permitindo o aumento da informação, mas modificando atitudes e criando capacidades intelectuais, devendo então ser privilegiado o exercício pelos próprios alunos, podendo ser adjuvante do professor a tecnologia (Cosenza; Guerra, 2011).

Dessa forma, a proposta de aprendizagem compartilhada, por meio de atividade grupal, face a face, com o objetivo de construir coletivamente o conhecimento, como em uma oficina, segundo conceitua

Ferrari (2003), é capaz de atingir os diversos estudantes e alcançar objetivo do ensino mais dinâmico. Segundo Camilo (2009), a oficina é um espaço de trocas de ideias e valores, onde a orientação ao jovem sobre a própria sexualidade deve estar inserida na sua realidade e exercida de forma aberta.

Na construção do *Workshop* os alunos também têm a oportunidade de trabalhar em conjunto. Tem-se que a experiência contribui para a formação acadêmica, estimula o trabalho em equipe e amplia o conhecimento sobre atividades educativas voltadas para adolescentes (Camilo, 2009). Os alunos têm a oportunidade de adquirir experiências iniciais em trabalho em equipe, administração de conflitos, liderança e tomada de decisões, situações que provavelmente os acompanhará por toda a carreira médica.

Os objetivos do presente estudo, considerando que o *Workshop* é uma atividade pedagógica singular, foram descrever sua metodologia de planejamento e execução; além disso, o estudo permitiu que fosse avaliado a capacidade do trabalho em equipe com a realização do *Workshop*.

1.1 O WORKSHOP: METODOLOGIA DE PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Os alunos matriculados na disciplina de Microbiologia e Práticas de Parasitologia (MDA) da Faculdade de Medicina de Barbacena (FAME/FUNJOB) recebem da professora a proposta de organizar uma oficina, o *Workshop*. O objetivo principal desta atividade curricular é a disseminação do conhecimento a respeito das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre os estudantes do ensino médio, convidados para assistir à apresentação. A professora orienta que a turma se organize em equipes, cada uma ficando responsável por uma tarefa e um grupo de alunos responsabiliza-se pela integração de todos e organização geral do projeto.

O *Workshop* é estruturado da seguinte forma: num primeiro momento são apresentadas, pelos alunos de medicina, palestras sobre as IST numa linguagem acessível e adequada ao público convidado. Em seguida, eles desenvolvem uma atividade cultural, na qual usam a criatividade, montando peças teatrais, dramatização de programas de televisão ou outros meios para reforçar junto aos alunos do ensino médio temas como o uso correto de preservativos e sua importância na prevenção das IST.

Num segundo momento a palavra é dada ao Doutor Ângelo Dias Feres responsável pela **ABBA** - Associação Barbacenense de Ação Contra AIDS. Todos os semestres ele participa do projeto, ministrando palestras sobre temas relacionados à AIDS. Logo após, pacientes soropositivos atendidos pela referida associação falam aos alunos relatando, em emocionantes depoimentos, como contraíram o vírus, quais foram os primeiros sintomas da AIDS, o rigor do uso diário do coquetel anti-HIV, os preconceitos e as dificuldades enfrentadas por eles.

Finalizando o *Workshop*, abre-se espaço para uma mesa redonda, onde todos têm a oportunidade de levantar questionamentos e dúvidas sobre IST e AIDS. Neste momento, os alunos podem ainda fazer perguntas diversas aos convidados soropositivos, que são capacitados para ensinar às pessoas a importância da prevenção, baseando-se em sua história pessoal. Ao final, a professora sempre prepara uma apresentação musical, cantando com singular beleza e emocionando a todos.

O *Workshop* tem uma finalidade comum a todos os trabalhos de prevenção de gravidez, IST e AIDS, voltados para adolescentes: desconstruir metáforas negativas relacionadas à AIDS; propiciar espaço para discussão e reflexão sobre sexualidade, desfazendo medos e tabus e, assim, colaborar para que os jovens se tornem sujeitos de sua própria sexualidade (Ferrari, 2003).

Para os alunos de medicina, o *Workshop* cumpre a função de estimular o trabalho em grupo, a organização e a união de toda a turma para a realização de um projeto comum. Além disso, desperta nestes estudantes noções de responsabilidade social, compromisso com a disseminação do conhecimento e reforça junto a eles a importância de atitudes voltadas para a prevenção destas doenças.

2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo com delineamento transversal no qual se verificou a validade e a capacidade do trabalho em equipe, no primeiro semestre de 2014. O estudo também cumpre a função de descrever a metodologia de planejamento e execução do *Workshop*.

2.1 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado na Faculdade de Medicina de Barbacena (FAME/ FUNJOB), localizada na cidade de Barbacena, Minas Gerais. A faculdade oferece exclusivamente o curso de medicina e conta com aproximadamente 600 alunos, distribuídos de forma não homogênea ao longo dos doze períodos do curso, em média 50 alunos regulares por período.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O estudo restringiu-se aos alunos matriculados na disciplina de Microbiologia e Práticas de Parasitologia (MDA) que compõe o terceiro período do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Barbacena (FAME/FUNJOB) durante o primeiro semestre de 2014, nesse período 52 alunos estavam matriculados na disciplina.

2.3 INSTRUMENTO DE MEDIDA

O trabalho em equipe foi analisado através de um questionário com 24 questões. Foram aplicados em dois momentos diferentes: um antes dos alunos iniciarem o trabalho de criação do *Workshop* e outro após a apresentação da oficina. O questionário era individual, anônimo e a única informação pessoal que continha era o sexo do aluno.

O instrumento de mensuração baseou-se em uma escala do tipo Likert, criada em 1932 pelo educador e psicólogo social americano Rensis Likert (Scoaris; Benevides-Pereira; Filho, 2009). A escala consiste em vários enunciados que expressam um ponto de vista do entrevistado sobre determinado tópico, e é amplamente utilizada em pesquisas quantitativas (Fernandes; Machado; Anschau, 2009). O instrumento compõe-se por frases para as quais o indivíduo manifestou seu grau de concordância ou não concordância assinalando valores na escala do tipo: (1) concordo totalmente, (2) concordo, (3) em dúvida (4) discordo, (5) discordo totalmente.

O questionário referente ao trabalho em equipe foi o mesmo usado por Pinho (2006), exceto uma questão. Tratou-se de um questionário sobre condições objetivas do trabalho em equipe dividido em seis subitens que abordam o processo de comunicação (questões 4, 5, 6, 19, 22); a disposição para negociação (questões 11, 12, 13, 16, 18); a complementaridade e coerência de tarefas e papéis (questões 7, 8, 15, 17, 20); a responsabilidade e autonomia no processo decisório (questões 2, 25); a cooperação e predisposição para o fazer coletivo (questões 1, 14, 21, 23); o nível de satisfação e confiança dos alunos (questões 3, 9, 10, 24) (Pinho, 2006).

2.4 QUESTÕES ÉTICAS

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG) em 07/11/2013, parecer 453.428. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

2.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Após a aplicação dos questionários, estes foram conferidos, numerados sequencialmente e introduzidos manualmente numa planilha de dados construída no programa Excel. Posteriormente, procedeu-se ao tratamento estatístico dos dados e à análise dos resultados. Para caracterizar as respostas dos alunos entrevistados, apresentou-se uma análise exploratória com o cálculo de medidas descritivas (média, mediana e desvio-padrão) e a construção de tabelas de frequências e gráficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários aplicados antes da realização do *Workshop* foram respondidos por 49 alunos; após a realização do trabalho 52 alunos responderam ao mesmo questionário. Destes alunos, 12 eram do sexo masculino.

A Tabela 1 apresenta dados em relação ao aprendizado adquirido pelos alunos com o trabalho em equipe, sendo a análise das respostas realizada em seis subgrupos: abordam o processo de comunicação (questões 4, 5, 6, 19, 22); a disposição para negociação (questões 11, 12, 13, 16, 18); a complementaridade e coerência de tarefas e papéis (questões 7, 8, 15, 17, 20); a responsabilidade e autonomia no processo decisório (questões 2, 25); a cooperação e predisposição para o fazer coletivo (questões 1, 14, 21, 23); o nível de satisfação e confiança (questões 3, 9, 10, 24). Cabe destacar que é importante que nossos alunos, futuros médicos, desenvolvam competências profissionais referentes à eficácia do trabalho em grupo, o que certamente contribuirá para o aprendizado sobre os cuidados com o paciente (Aguilar-da-Silva; Scapin; Batista, 2011).

Tabela 1 – Questionário: Trabalho em equipe

Questão	Workshop	Concordância	Em dúvida	Discordância	Total
A proposta de trabalho em equipe é compreendida e aceita por todos	Pré	31 (63,26%)	9 (18,37%)	9 (18,37%)	49 alunos (100%)
	Pós	35 (67,30%)	13 (25%)	4 (7,70%)	52 alunos (100%)
Em caso de erro em algum procedimento, a equipe é responsabilizada coletivamente	Pré	24(48,98%)	17(34,69%)	8 (16,33%)	49 alunos (100%)
	Pós	39 (75%)	9 (17,30%)	4 (7,70%)	52 alunos (100%)
Há um alto nível de entusiasmo, energia e envolvimento pessoal	Pré	36 (73,47%)	7 (14,29%)	6 (12,24%)	49 alunos (100%)
	Pós	40 (76,92%)	5 (9,62%)	7 (13,46%)	52 alunos (100%)
Existem reuniões periódicas	Pré	43 (87,76%)	5 (10,20%)	1 (2,04%)	49 alunos (100%)
	Pós	44 (84,61%)	6 (11,54%)	2 (3,85%)	52 alunos (100%)
Existe intercâmbio de informações entre os membros da equipe entre uma reunião e outra	Pré	47 (95,92%)	1 (2,04%)	1 (2,04%)	49 alunos (100%)
	Pós	47 (90,38%)	4 (7,70%)	1 (1,92%)	52 alunos (100%)
Os membros da equipe compartilham informações e conhecimentos	Pré	23 (46,94%)	13 (26,53%)	13 (26,53%)	49 alunos (100%)
	Pós	27 (51,92%)	10 (19,23%)	15 (28,85%)	52 alunos (100%)
Há sobreposição de tarefas	Pré	30 (61,23%)	6 (12,24%)	13 (26,53%)	49 alunos (100%)
	Pós	35 (67,31%)	7 (13,46%)	10 (19,23%)	52 alunos (100%)
Existe sobrecarga de trabalho para alguns profissionais	Pré	29 (59,18%)	19 (38,78%)	1 (2,04%)	49 alunos (100%)
	Pós	33 (63,46%)	12 (23,08%)	7 (13,46%)	52 alunos (100%)

Questão	Workshop	Concordância	Em dúvida	Discordância	Total
Prevalecem expressões de satisfação no ambiente de trabalho	Pré	35 (71,43%)	8 (16,33%)	6 (12,24%)	49 alunos (100%)
	Pós	40 (76,92%)	6 (11,54%)	6 (11,54%)	52 alunos (100%)
Existe um ambiente de confiança para expor ideias ou propostas entre os membros da equipe	Pré	24 (48,99%)	17 (34,69%)	8 (16,32%)	49 alunos (100%)
	Pós	37 (71,16%)	6 (11,54%)	9 (17,30%)	52 alunos (100%)
Os membros da equipe opinam sobre outras etapas do processo de trabalho, desvinculadas da sua	Pré	23 (46,94%)	12 (24,49%)	14 (28,57%)	49 alunos (100%)
	Pós	21 (40,39%)	9 (17,30%)	22 (42,31%)	52 alunos (100%)
Há um ambiente de tensão e desconfiança quando surge um conflito	Pré	26 (53,06%)	8 (16,33%)	15 (30,61%)	49 alunos (100%)
	Pós	24 (46,15%)	10 (19,23%)	18 (34,62%)	52 alunos (100%)
Há resistência por parte de alguns membros da equipe para entrar em processo de negociação	Pré	31 (63,26%)	12 (24,50%)	6 (12,24%)	49 alunos (100%)
	Pós	42 (78,85%)	5 (9,62%)	6 (11,53%)	52 alunos (100%)
Há respeito pelas diferenças de opiniões entre os membros da equipe	Pré	42 (85,71%)	7 (14,29%)	-	49 alunos (100%)
	Pós	38 (73,08%)	10 (19,23%)	4 (7,69%)	52 alunos (100%)
Os papéis dos membros da equipe são claramente definidos	Pré	27 (55,10%)	12 (24,50%)	10 (20,40%)	49 alunos (100%)
	Pós	37 (71,16%)	6 (11,54%)	9 (17,30%)	52 alunos (100%)
Os conflitos são discutidos e resolvidos de forma aberta	Pré	25 (51,02%)	10 (20,41%)	14 (28,57%)	49 alunos (100%)
	Pós	28 (53,85%)	11 (21,15%)	13 (25%)	52 alunos (100%)

Questão	Workshop	Concordância	Em dúvida	Discordância	Total
A liderança da equipe é determinada pelo tipo de problema a ser resolvido	Pré	38 (77,55%)	7 (14,29%)	4 (8,16%)	49 alunos (100%)
	Pós	35 (67,31%)	11 (21,15%)	6 (11,54%)	52 alunos (100%)
Há uma atitude de propor e atribuir prioridades aos temas de uma agenda de negociação	Pré	37 (75,52%)	6 (12,24%)	6 (12,24%)	49 alunos (100%)
	Pós	36 (69,22%)	12 (23,08%)	4 (7,70%)	52 alunos (100%)
Quando se analisa um problema, todas as etapas do processo de trabalho são consideradas	Pré	31 (63,27%)	5 (10,20%)	13 (26,53%)	49 alunos (100%)
	Pós	26 (50%)	6 (11,54%)	20 (38,46%)	52 alunos (100%)
Existe divisão hierárquica na equipe	Pré	26 (53,07%)	14 (28,57%)	9 (18,36%)	49 alunos (100%)
	Pós	27 (51,92%)	8 (15,38)	17 (32,70%)	52 alunos (100%)
Nas reuniões há espaço para avaliação da função e desenvolvimento da equipe	Pré	23 (46,94%)	16 (32,65%)	10 (20,41%)	49 alunos (100%)
	Pós	27 (51,93%)	10 (19,22%)	15 (28,85%)	52 alunos (100%)
A equipe tem constante feedback sobre seu desempenho	Pré	20 (40,81%)	7 (14,29%)	22 (44,90%)	49 alunos (100%)
	Pós	27 (51,93%)	9 (17,30%)	16 (30,77%)	52 alunos (100%)
	Pré	37 (75,51%)	8 (16,33%)	4 (8,16%)	49 alunos (100%)
A equipe possui crenças e atitudes comuns	Pós	35 (67,31%)	8 (15,38%)	9 (17,31%)	52 alunos (100%)
	Pós	15 (28,85%)	8 (15,38%)	29 (55,77%)	52 alunos (100%)
Existe suporte organizacional para o trabalho em equipe	Pré	11 (22,45%)	11 (22,45%)	27 (55,1%)	49 alunos (100%)

Fonte: Elaborada pelos autores com base em Pinho, 2006.

Primeiramente foram abordados os conhecimentos adquiridos sobre o processo de comunicação. A maioria dos alunos concordou que havia reuniões periódicas para discussão sobre o trabalho, em média 86,18% no questionário pré e pós-workshop. A presença de intercâmbio de informações entre eles obteve maior índice de concordância antes (95,92%) do que após (90,38%) o *Workshop*. Já os temas “compartilhamento de informações”, “consideração de todas as etapas do processo ao se analisar um problema” e “feedback do desempenho da equipe” obtiveram uma distribuição equilibrada de concordância: tanto na primeira avaliação quanto na segunda cerca de 50% dos alunos concordaram com as frases. No ambiente da saúde a comunicação está orientada para a eficácia e efetividade da atenção às necessidades de saúde dos usuários (Peduzzi *et al.*, 2011)

A análise da disposição para negociação englobou os temas liberdade de opinião a todos os membros da equipe, tensão e desconfiança diante de um conflito, capacidade de negociação, discussão de conflitos e capacidade de atribuir prioridades em uma negociação. A afirmativa “há um ambiente de tensão e desconfiança quando surge um conflito” foi aquela que obteve o maior índice de concordância: 53,06% antes da realização dos trabalhos e 46,15% após sua execução. Nas unidades de saúde são freqüentes situações pouco harmoniosas, produzindo fragmentações e desequilíbrios que afetam sua eficácia; os alunos de medicina precisam, portanto, desenvolver habilidades para gerenciar os conflitos e capacidade de negociar soluções (Pinho, 2006).

Em relação à complementaridade e coerência de tarefas e papéis, as afirmativas sobre sobreposição de tarefas e sobrecarga de trabalho para alguns alunos obtiveram resultados próximos tanto no pré-workshop (61,23% e 59,18%) quanto no pós-workshop (67,31% e 63,46%). A afirmativa “os papéis da equipe são claramente definidos” obteve um importante índice de aceitação após o trabalho (71,16%) em relação à visão sobre o tema que os alunos tinham antes de realizá-lo (55,1%). Estudos realizados com médicos residentes revelaram que quando estes assumem seus papéis, realizando o exercício da prática médica, os momentos de discussão e trocas de experiências em suas vivências com os outros profissionais potencializam a construção do conhecimento e a articulação com as outras áreas do saber, o que permite que o fazer médico possa ser efetivado pela integração do trabalho em equipe e pela participação complementar do outro profissional (Ferreira; Varga; Silva, 2009).

O estudo do tema “responsabilidade e autonomia no processo decisório” revelou que, após o trabalho, 75% dos alunos tinham a convicção de que em caso de erro de procedimento todos os membros da equipe seriam responsabilizados de forma coletiva. Isso é verificado pelo fato de que a turma toda recebe a mesma nota pelo trabalho, ou seja, se um membro não desempenhar bem o seu papel todo o grupo será prejudicado. Os alunos devem entender que liberdade e responsabilidade são duas faces da mesma moeda, tal como a autonomia e responsabilização profissional (Peduzzi *et al.*, 2011).

Ao se analisar a disposição dos alunos para a cooperação e a predisposição para o fazer coletivo observou-se que a proposta de trabalho era aceita e compreendida por todos os alunos, tanto antes de executarem o trabalho (63,26%) quanto depois (67,3%). Obteve-se muita concordância em relação à afirmativa “há respeito pelas diferenças de opiniões entre os membros da equipe” antes do trabalho (85,71%), porém, essa porcentagem diminuiu para 73,08% após sua execução. Podemos atribuir essa queda aos conflitos que porventura tenham surgido durante o período de seu planejamento e exe-

cução. Julgamos importante que os alunos de medicina compreendam a importância da cooperação para fazer o coletivo, haja vista que uma maior integração entre os profissionais da área de saúde favorece o planejamento e a oferta de uma assistência mais ampliada aos usuários que precisam destes serviços (Borges; Sampaio; Gurgel, 2012).

O nível de satisfação e confiança dos alunos também foi verificado neste estudo. Antes dos trabalhos cerca de 72% dos alunos demonstraram alto nível de entusiasmo, energia, envolvimento pessoal e expressões de satisfação em relação ao *Workshop*. Após os trabalhos 76,92% ainda compartilhavam os mesmos sentimentos. Esses números revelaram que os alunos de medicina aproveitaram tanto a proposta quanto o resultado do *Workshop*, além disso, adquiriram conhecimentos e habilidades que certamente os ajudará quando futuramente ocuparem cargos de liderança de equipes.

4 CONCLUSÃO

O *Workshop* é importante para os alunos do curso de medicina haja vista que são estimulados a trabalhar em conjunto e, deste modo, exercitam a habilidade para tomar decisões, administrar conflitos, desenvolver a capacidade de liderança e a responsabilidade no cumprimento de tarefas. Além disso, desperta nestes estudantes noções de responsabilidade social e compromisso com a disseminação do conhecimento.

Os alunos do ensino médio convidados para participar das apresentações do *Workshop* beneficiam-se ao ter a oportunidade de adquirir conhecimento sobre IST e sua prevenção, inclusive podendo até mesmo disseminar o que aprenderam entre aqueles de sua convivência.

Espera-se que o conhecimento adquirido no *Workshop* contribua para que ambos os grupos de estudantes previnam-se contra as IST e AIDS, praticando sexo seguro, usando sempre o preservativo e deste modo possam vivenciar sua sexualidade de forma plena e consciente.

REFERÊNCIAS

AGUILAR-DA-SILVA, R. H.; SCAPIN, L. T.; BATISTA, N. ALVES. Avaliação da formação interprofissional no ensino superior em saúde: aspectos da colaboração e do trabalho em equipe. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 165–184, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772011000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/SBnS4PFM6w8bPsbzXdRXppb/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 16 out. 2017

BORGES, M. J. L.; SAMPAIO, A. S.; GURGEL, I. G. D. Trabalho em equipe e interdisciplinaridade: desafios para a efetivação da integralidade na assistência ambulatorial às pessoas vivendo com HIV/Aids em Pernambuco. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 147-156, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000100017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZWnzqYXthQppzvDRkzDCBc/#> Acesso em: 13 out. 2017

CAMILO, V. M.; FREITAS, F. L. S.; CUNHA, V. M.; CASTRO, R. K. S.; SHERLOCK, M. M.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, N. F. C. Educação em saúde sobre DST/AIDS com adolescentes de uma escola pública, utilizando a tecnologia educacional como instrumento. **Brazilian Journal of Sexually Transmitted Diseases**, Niterói, v. 21, n. 3, p. 124-129, 2009. Disponível em: <https://www.bjstd.org/revista/article/view/985>. Acesso em: 12 out. 2017

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

FERNANDES, L. C. L.; MACHADO, R. Z.; ANSCHAU, G. O. Gerência de serviços de saúde: competências desenvolvidas e dificuldades encontradas na atenção básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 1541-1552, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000800028>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/D8PbGDr8QmXhym4wNwCvySr/#> Acesso em: 17 out. 2017

FERREIRA, R. C.; VARGA, C. R. R.; SILVA, R. F. Trabalho em equipe multiprofissional: a perspectiva dos residentes médicos em saúde da família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 1421-1428, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000800015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/vJNQDXqcdksx4nx7xGRrWMK/#> Acesso em: 10 out. 2017

JEOLÁS, L.S.; FERRARI, R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 611-620, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000200021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/YFwHJqVCqgqw4dQx5f3KqKm/?lang=pt> Acesso em: 12 out. 2017

PEDUZZI, M. *et al.* Trabalho em equipe na perspectiva da gerência de serviços de saúde: instrumentos para a construção da prática interprofissional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 629-646, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000200015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/VbQ5675K7Vr4dr7LCBYL4ZC/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 11 out. 2017

PINHO, M. C. G. Trabalho em equipe de saúde: limites e possibilidades de atuação eficaz. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 68-87, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1806-58212006000200009 Acesso em: 11 out. 2017

SCOARIS, R. C. O.; PEREIRA, A. M. T. B.; SANTIN FILHO, O. Elaboração e validação de um instrumento de avaliação de atitudes frente ao uso de história da ciência no ensino de ciências. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 3, p. 901-922, 2009. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen08/ART8_Vol8_N3.pdf Acesso em: 12 out. 2017.

Recebido em: 23 de Novembro de 2017

Avaliado em: 18 de Julho de 2024

Aceito em: 11 de Setembro de 2024



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestrado em Ciências na área de Microbiologia; Pós-graduação em Neurociências; Bacharel em Ciências Biológicas; Iniciação Científica nas áreas de Microbiologia com linhas de pesquisa em *S. aureus*, micologia e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3383-7849>. E-mail: bello.cm@hotmail.com

2 Pós-graduação em Saúde da Família; Graduação em Medicina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0170-008X>. E-mail: arailtonfneto@gmail.com

3 Graduação em Medicina. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7052-4239>. E-mail: lubial@gmail.com

Copyright (c) 2024 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

